

TECNOLOGIA E EJA: O USO DO CELULAR E DA INTERNET COMO APOIO À APRENDIZAGEM

Rafael Paiva Dias do Carmo ¹

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender de que maneira os estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) utilizam o celular e a internet como ferramentas de apoio à aprendizagem, assim como identificar percepções e dificuldades relacionadas ao uso dessas tecnologias no cotidiano escolar. Trata-se de uma pesquisa de natureza exploratória, com abordagem predominantemente quantitativa, com elementos qualitativos, que busca refletir sobre a relação entre tecnologia e educação em contextos populares, considerando os desafios e as potencialidades envolvidos nesse processo. A metodologia envolve a aplicação de um questionário com perguntas simples e objetivas, voltadas a estudantes da EJA, com foco em seu acesso à internet, usos cotidianos do celular, experiências anteriores de aprendizagem com recursos digitais e interesse em que esses dispositivos sejam integrados às práticas pedagógicas. A investigação parte do reconhecimento de que o celular, presente na rotina de grande parte da população, inclusive em comunidades com poucos recursos, pode ser um instrumento pedagógico potente quando articulado de forma crítica e criativa ao processo de ensino-aprendizagem. O estudo busca compreender como esses estudantes percebem o uso das tecnologias dentro e fora do espaço escolar, e se sentem que elas contribuem para sua autonomia e para o fortalecimento dos vínculos com o conhecimento construído no ambiente escolar. A pesquisa se propõe a contribuir para a valorização dos saberes dos sujeitos da EJA e para o fortalecimento de práticas educativas mais conectadas à realidade dos estudantes, respeitando suas trajetórias, ritmos e modos próprios de aprender.

Palavras-chave: EJA, Celular, Internet, Aprendizagem, Tecnologia.

INTRODUÇÃO

A presença das tecnologias digitais no cotidiano da população brasileira é inegável. O celular, em especial, consolidou-se como ferramenta central de comunicação, acesso à informação e interação social. No entanto, seu potencial como instrumento pedagógico ainda é subutilizado, sobretudo em contextos educacionais historicamente marginalizados, como é o caso da Educação de Jovens e Adultos (EJA). É nesse cenário que se insere o presente trabalho, cujo foco é compreender como estudantes da EJA utilizam o celular e a internet como apoio à aprendizagem, e como percebem as possibilidades e os desafios do uso dessas tecnologias no ambiente escolar.

A pesquisa se justifica na medida em que a educação de jovens e adultos atende a um público que, muitas vezes, teve sua trajetória escolar marcada por rupturas, dificuldades de

¹Bacharel em Administração pela Unifanor Wyden. Licenciado em Matemática pela Uniasselvi. Especialista em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica e em Gestão de Recursos Humanos pela Minas Faculdade. Especialista em Inclusão e Diversidade na Educação e em Metodologia de Ensino de Matemática pela Uniasselvi. E-mail: rpaiva.adm@gmail.com

permanência e exclusão dos espaços formais de aprendizagem. Retomar os estudos na vida adulta implica, também, lidar com metodologias que nem sempre dialogam com suas realidades socioculturais. Por outro lado, esses sujeitos, embora excluídos de certos direitos educacionais, se inserem de forma ativa no mundo digital, especialmente via celular, construindo redes de saber e acesso a conteúdos de forma autônoma. É nessa contradição, entre a exclusão formal e a apropriação espontânea da tecnologia, que este estudo se ancora, propondo um olhar atento sobre o lugar do celular nessa modalidade educativa.

A fundamentação teórica que sustenta esta investigação parte de Paulo Freire (1970), cuja defesa da educação libertadora propõe que a escola se reconecte com a realidade concreta dos educandos. Ao considerar os saberes de mundo que cada sujeito carrega, Freire aponta para uma prática pedagógica que não teme o novo, mas o incorpora criticamente. Nesse sentido, o uso do celular, quando pautado pela escuta e pelo respeito à experiência do aluno, pode ser instrumento de emancipação e não de alienação.

Moran (2007), ao discutir os desafios da educação contemporânea, enfatiza que é preciso romper com práticas pedagógicas estanques e abrir-se ao uso consciente e inovador das tecnologias. Já Castells (1999) oferece suporte sociológico ao afirmar que vivemos em uma sociedade em rede, onde a exclusão digital acarreta também exclusão social e política. Portanto, integrar o celular ao processo de ensino para esse público educativo é também uma forma de combate às múltiplas formas de desigualdade.

A pesquisa foi conduzida com abordagem exploratória, de caráter quantitativo e qualitativo, por meio da aplicação de um questionário estruturado a estudantes da EJA de uma escola estadual da cidade de Canindé. As turmas participantes abrangiam alunos do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio, o que enriqueceu a diversidade dos dados. As perguntas abordaram o uso cotidiano do celular, o acesso à internet, experiências anteriores com recursos digitais e o interesse dos alunos na utilização pedagógica desses dispositivos.

A análise dos dados, cruzada com as discussões teóricas propostas por Ribeiro (2018), Pacheco e Vas (2022), e Vale (2022), apontou que a integração crítica do celular às práticas educativas pode fortalecer a autonomia discente e ampliar as possibilidades de participação ativa no processo de aprendizagem. Contudo, a resistência institucional e as limitações impostas pela legislação vigente, como a Lei Federal nº 15.100/2025, ainda configuram barreiras significativas a serem enfrentadas.

O presente artigo, portanto, busca contribuir para o debate sobre o papel das tecnologias móveis na educação de jovens e adultos, defendendo que o celular pode e deve ser incorporado de forma planejada e contextualizada. Ao final, reforça-se a importância de políticas públicas

que apoiem essa transição e de práticas pedagógicas que reconheçam a potência dos saberes digitais trazidos pelos sujeitos participantes da educação de jovens e adultos.

METODOLOGIA

A presente pesquisa foi desenvolvida a partir de uma abordagem metodológica de natureza exploratória, com ênfase quantitativa, sem desconsiderar os elementos qualitativos emergentes das percepções dos sujeitos envolvidos. Segundo Minayo (2001), a investigação social deve buscar os significados atribuídos às práticas humanas, articulando a análise objetiva dos dados com a compreensão subjetiva das experiências vividas.

Como instrumento de coleta de dados, foi utilizado um questionário estruturado, contendo perguntas fechadas e abertas, aplicado presencialmente a 57 estudantes da EJA em uma escola estadual pública da cidade de Canindé, no Ceará. Os participantes eram alunos do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio, o que proporcionou uma diversidade etária e de vivências. As perguntas buscaram levantar informações sobre o acesso à internet, os usos cotidianos do celular, experiências anteriores com tecnologias educacionais e o interesse na utilização desses dispositivos no contexto escolar.

A análise dos dados seguiu os princípios da análise temática, conforme orientação de Minayo (2001), organizando as respostas em categorias interpretativas emergentes do material empírico. Essa abordagem possibilitou a compreensão das múltiplas dimensões que envolvem o uso do celular na EJA, a partir das vozes dos próprios sujeitos.

Paralelamente à análise dos dados, observou-se o contexto estrutural da escola e o grau de incentivo institucional ao uso das tecnologias. Essa triangulação metodológica, dados dos questionários, observação e referencial teórico, proporcionou maior consistência à interpretação dos resultados, em consonância com os pressupostos defendidos por Freire (1970), que valoriza a escuta ativa e o diálogo como fundamentos do processo educativo.

A pesquisa respeitou todos os princípios éticos. O questionário foi aplicado mediante consentimento livre e esclarecido, garantindo o anonimato dos participantes. Não houve uso de imagens nem gravações, motivo pelo qual não se fez necessário o encaminhamento ao comitê de ética. No entanto, todas as diretrizes da ética em pesquisa com seres humanos foram seguidas com rigor.

Conforme destaca Ribeiro (2018), compreender o uso das tecnologias nessa modalidade educativa exige uma abordagem que considere não apenas a existência dos dispositivos, mas também as relações pedagógicas, culturais e estruturais que os envolvem. Esta metodologia foi

construída com esse cuidado, buscando apreender a complexidade do fenômeno estudado com sensibilidade e rigor científico.

REFERENCIAL TEÓRICO

Discutir o uso do celular na educação de jovens e adultos exige compreender o entrelaçamento entre três campos interdependentes: tecnologia, educação e contexto social. O referencial teórico deste trabalho articula autores que tratam dessas dimensões com profundidade crítica, buscando construir uma visão integrada que vá além da instrumentalização do aparelho, entendendo-o como mediação pedagógica significativa.

O ponto de partida é a concepção de Paulo Freire (1970), que propõe uma educação libertadora, baseada no diálogo e na valorização dos saberes populares. Para Freire, a aprendizagem ocorre no encontro entre sujeitos que compartilham experiências e produzem conhecimento a partir da realidade vivida. Essa perspectiva mostra-se especialmente potente nessa oferta formativa, onde os estudantes carregam histórias de resistência, trabalho e exclusão escolar. Reconhecer o celular como ferramenta presente em seu cotidiano é abrir espaço para ressignificá-lo pedagogicamente, transformando-o em instrumento de leitura crítica do mundo.

Em diálogo com Freire, Moran (2007) defende que a escola precisa ser provocadora e conectada com a vida dos estudantes. Segundo o autor, a aprendizagem só faz sentido quando há vínculo afetivo, curiosidade e desafio. As tecnologias móveis, como o celular, inserem-se nesse contexto como meio de estimular o protagonismo discente, personalizar o ensino e aproximar o conteúdo formal da experiência cotidiana.

Castells (1999), por sua vez, oferece uma leitura sociológica sobre o papel das tecnologias na sociedade contemporânea. Para o autor, vivemos na era da informação, marcada por redes digitais e fluxos de comunicação descentralizados. Nesse cenário, estar conectado é também um ato de cidadania. A exclusão digital representa, portanto, exclusão do debate público, da cultura e da política. Incluir o celular no processo educacional da EJA é, nesse sentido, um passo rumo à formação de sujeitos críticos e ativos em uma sociedade em rede.

A literatura específica sobre educação de jovens e adultos e tecnologia reforça essa visão. Ribeiro (2018) evidencia, a partir de pesquisa empírica, que o uso do celular na EJA pode ser uma estratégia eficaz de aproximação entre professores e alunos, sobretudo quando há escuta ativa e abertura a propostas compartilhadas. Entretanto, o autor aponta os limites impostos por uma cultura escolar resistente à inovação e por políticas educacionais que não reconhecem a centralidade das tecnologias no cotidiano dos estudantes.

Pacheco e Vas (2022), ao analisarem a experiência de uma escola municipal no Tocantins, demonstram que o uso planejado e orientado do smartphone em sala de aula amplia as possibilidades de aprendizagem, fortalece o vínculo entre escola e comunidade e valoriza os saberes dos estudantes. A formação docente, segundo os autores, é essencial para transformar o uso das tecnologias em prática intencional e significativa.

Vale (2022) destaca que pensar em tecnologia nessa modalidade de ensino não é luxo, mas uma necessidade. O autor desafia a ideia de que esse público é alheio às inovações ou possui limitações intransponíveis no uso de recursos digitais, revelando que, mesmo diante de obstáculos estruturais, os estudantes já mobilizam o celular para aprender, comunicar-se e resolver problemas do cotidiano.

Do ponto de vista jurídico, a Lei nº 15.100/2025 regulamenta o uso de aparelhos eletrônicos no ambiente escolar, permitindo sua utilização em atividades pedagógicas planejadas, situações de inclusão, acessibilidade ou necessidades especiais. Embora represente um desafio à prática docente, essa regulamentação pode, se bem interpretada, se tornar uma aliada, abrindo caminhos para práticas mais democráticas e inclusivas (RIBEIRO, 2018).

Por fim, Minayo (2008) contribui ao enfatizar que a pesquisa social deve compreender os sujeitos em sua complexidade, respeitando seus contextos e formas de atribuir sentido à realidade. Tal abordagem evita a redução do uso do celular à mera estatística de acesso, permitindo entendê-lo como prática social carregada de significados e disputas.

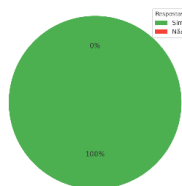
Assim, o referencial teórico aqui construído sustenta uma concepção de educação que valoriza a experiência, reconhece a potência das tecnologias como mediação pedagógica e defende a formação de sujeitos autônomos e críticos. A incorporação do celular para esse público educacional, longe de ser uma concessão, deve ser pensada como estratégia de justiça social e fortalecimento dos vínculos entre escola, território e cultura digital.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados aqui apresentados referem-se à aplicação de um questionário estruturado junto a 57 estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), com o objetivo de compreender as percepções, os usos e os desafios relacionados ao uso do celular e da internet como ferramentas pedagógicas. Os dados foram organizados em categorias temáticas e analisados à luz do referencial teórico anteriormente discutido.

Questão 1: Você possui celular com acesso à internet?

Questão 1:
Você possui celular com acesso à internet?

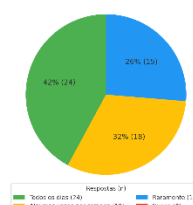


Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Todos os participantes (100%) afirmaram possuir celular com acesso à internet. Este dado revela que a infraestrutura mínima para a mediação tecnológica está presente no cotidiano dos estudantes, o que confirma o que Castells (1999) define como característica central da sociedade em rede. Moran (2007) também reforça que o celular se tornou uma extensão do ser digital, sendo, na EJA, uma porta de entrada para o conhecimento.

Questão 2: Com que frequência você utiliza o celular para atividades relacionadas aos estudos?

Questão 2:
Com que frequência você utiliza o celular para atividades relacionadas aos estudos?

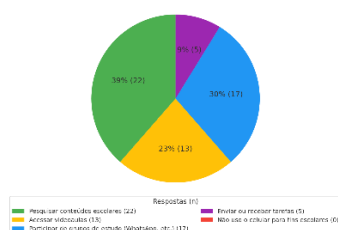


Fonte: Dados da pesquisa (2025).

A maioria dos estudantes utiliza o celular para fins educacionais com frequência: 42% o utilizam todos os dias e 32% algumas vezes por semana. Esses dados evidenciam um uso recorrente e voluntário da tecnologia como suporte ao aprendizado. Freire (1970) defende que a curiosidade crítica é o motor da aprendizagem, e o uso constante do celular pelos estudantes indica uma atitude autônoma e ativa diante do conhecimento.

Questão 3: Para quais finalidades você mais usa o celular no contexto escolar?

Questão 3:
Para quais finalidades você mais usa o celular no contexto escolar?

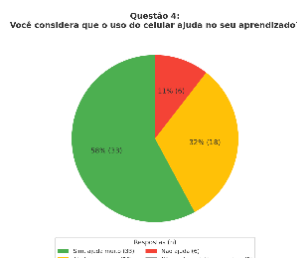


Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Os estudantes apontaram o uso do celular majoritariamente para pesquisar conteúdos escolares (39%), assistir videoaulas (23%) e participar de grupos de estudo (30%). Essa diversidade de usos reforça a ideia de que o celular é um recurso multifuncional no processo de

aprendizagem. Kenski (2012) destaca que as tecnologias ampliam a autonomia dos estudantes e diversificam o acesso à informação, papel claramente assumido pelo celular na EJA.

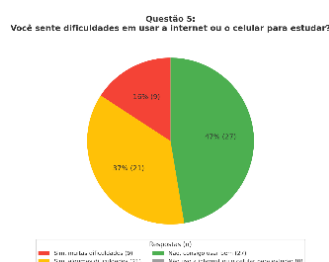
Questão 4: Você considera que o uso do celular ajuda no seu aprendizado?



Fonte: Dados da pesquisa (2025).

A maioria (58%) acredita que o celular ajuda muito, 32% dizem que ajuda um pouco e apenas 11% consideram que não ajuda. Esse dado reforça a percepção de que, quando bem orientado, o uso do celular pode ser um forte aliado da aprendizagem. Moran (2007) afirma que a tecnologia se torna educativa quando está inserida em um projeto pedagógico crítico e contextualizado.

Questão 5: Você sente dificuldades em usar a internet ou o celular para estudar?



Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Apesar do uso expressivo, 37% relataram enfrentar algumas dificuldades e 16% muitas dificuldades. Minayo (2008) ressalta a importância de considerar os sujeitos em sua integralidade, reconhecendo suas limitações técnicas como elementos que devem orientar a prática pedagógica. Nesse sentido, a formação digital crítica mostra-se uma necessidade urgente.

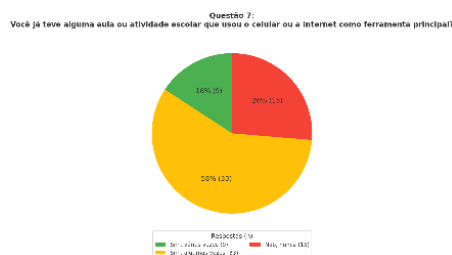
Questão 6: Quais são as principais dificuldades que você enfrenta ao usar o celular ou a internet para estudar?



Fonte: Dados da pesquisa (2025).

A principal barreira apontada foi a internet lenta ou instável (47%), seguida pela dificuldade de usar aplicativos (16%) e a falta de apoio dos professores (7%). Esses obstáculos refletem as desigualdades sociais denunciadas por Ribeiro (2018), ao indicar que o acesso ao dispositivo não é garantia de uso pleno e significativo.

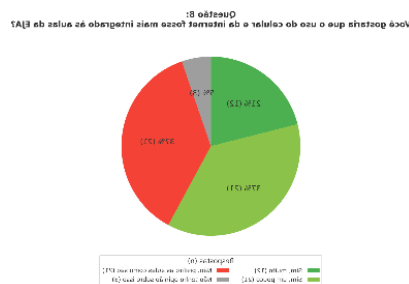
Questão 7: Você já teve alguma aula ou atividade escolar que usou o celular ou a internet como ferramenta principal?



Fonte: Dados da pesquisa (2025).

A maioria (58%) relatou que isso ocorreu apenas algumas vezes, e 26% nunca vivenciaram essa experiência. Essa subutilização indica uma desconexão entre o potencial das ferramentas e sua aplicação pedagógica. Moran (2007) destaca que a ausência de uma cultura docente inovadora dificulta a integração efetiva da tecnologia no currículo.

Questão 8: Você gostaria que o uso do celular e da internet fosse mais integrado às aulas da EJA?

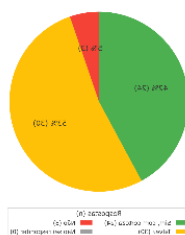


Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Com 21% respondendo “gostaria muito” e 37% “um pouco”, observa-se abertura dos estudantes à integração tecnológica. Contudo, 37% preferem que as aulas permaneçam como estão, o que revela que a introdução de tecnologias deve ser feita com diálogo e escuta atenta, como propõe Freire (1970).

Questão 9: Você acredita que o uso do celular pode ajudar a tornar o aprendizado mais interessante?

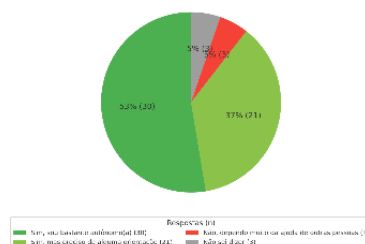
Questão 9:
Você acredita que o uso do celular pode ajudar a tornar o aprendizado mais interessante?



Fonte: Dados da pesquisa (2025).

A maioria (53%) respondeu “talvez”, 42% disseram “sim, com certeza” e 5% negaram. O “talvez” aponta para o papel central da mediação pedagógica: o celular pode sim tornar o aprendizado mais interessante, desde que sua utilização seja crítica e intencional. Castells (1999) lembra que a apropriação da tecnologia redefine práticas sociais, incluindo a educação. Questão 10: De maneira geral, você se considera autônomo(a) para aprender com o uso de tecnologias (celular, internet, aplicativos)?

Questão 10:
De maneira geral, você se considera autônomo(a) para aprender com o uso de tecnologias (celular, Internet, aplicativos)?



Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Mais da metade (53%) se considera bastante autônoma, enquanto 37% dizem precisar de alguma orientação. Freire (1970) sustenta que a autonomia se constrói no processo educativo. Cabe à escola fomentar esse processo, articulando tecnologia e formação cidadã.

Em síntese, os dados revelam que os estudantes da EJA têm acesso, interesse e autonomia para utilizar o celular como ferramenta de aprendizagem. Contudo, enfrentam dificuldades estruturais e pedagógicas que limitam o pleno aproveitamento dessas tecnologias. A integração significativa do celular nas práticas educativas exige escuta, formação docente, investimentos em infraestrutura e sobretudo, uma pedagogia dialógica e crítica que compreenda a tecnologia não como fim, mas como meio de humanização, como propõe Paulo Freire (1970).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa evidenciou que, embora todos os estudantes da educação de jovens e adultos participantes possuam celular com acesso à internet, persistem lacunas significativas

quanto à apropriação pedagógica desses recursos no cotidiano escolar. Ainda que o uso pessoal da tecnologia seja intenso, sua integração ao processo educativo permanece tímida, atravessada por resistências institucionais, limitações técnicas e ausência de políticas formativas contínuas.

Contudo, os dados revelaram que os sujeitos dessa modalidade de ensino não apenas dominam o uso básico dos dispositivos, mas também demonstram abertura e disposição para explorar o celular como ferramenta de aprendizagem. Essa contradição entre acesso e subutilização reforça a necessidade de uma escuta mais atenta e ativa por parte da escola. Como defende Freire (1970), o ponto de partida de qualquer prática emancipadora é o reconhecimento dos saberes e das vivências dos educandos e, no caso da EJA, esse saber inclui o uso cotidiano da tecnologia digital, especialmente via celular.

A utilização crítica e planejada desses dispositivos, no entanto, exige mais do que vontade individual: requer um projeto político-pedagógico comprometido com a inclusão, com a formação docente contínua e com a superação das desigualdades digitais. Kenski (2012) alerta que a exclusão digital é também exclusão pedagógica, e cabe à escola enfrentar esse desafio com responsabilidade e criatividade, transformando o que hoje é um obstáculo em potencial educativo.

Nesse cenário, a Lei nº 15.100/2025, ao regulamentar o uso dos celulares em contextos pedagógicos, não deve ser vista como barreira, mas como oportunidade para que educadores e gestores escolares ressignifiquem o uso da tecnologia em sala de aula. Como observa Ribeiro (2018), o uso do celular nessa modalidade educativa, quando construído de forma dialógica, fortalece a relação entre professor e aluno, amplia a participação e estimula o protagonismo discente.

Os resultados da pesquisa, quando lidos à luz das contribuições de Castells (1999), reforçam que viver à margem da cultura digital é estar também à margem das redes de poder, de informação e de participação social. Incorporar o celular como ferramenta educativa, portanto, é uma forma de democratizar o acesso ao conhecimento e promover a cidadania digital.

Moran (2007) acrescenta que o uso da tecnologia só se torna educativo quando conectado ao sentido, ao afeto e à experiência. Os estudantes dessa oferta formativa carregam uma bagagem rica de vida e de trabalho, que precisa ser reconhecida como ponto de partida para uma aprendizagem significativa. A escola, nesse contexto, precisa deixar de enxergar a tecnologia como ameaça à disciplina e passar a compreendê-la como ponte entre o saber formal e os repertórios culturais dos educandos.

Minayo (2008) lembra que compreender os sujeitos em sua totalidade é fundamental para propor transformações reais. Assim, é preciso que o uso da tecnologia na EJA vá além de práticas improvisadas ou superficiais, sendo incorporado como parte de um currículo crítico, dialógico e conectado com as necessidades do território.

Dessa forma, esta pesquisa reitera a importância de políticas públicas que viabilizem infraestrutura digital adequada, mas sobretudo de projetos pedagógicos que deem sentido ao uso do celular em sala de aula. A inclusão tecnológica não é um fim em si mesma, mas um caminho para ampliar horizontes, construir autonomia e valorizar esse público educacional em sua plenitude.

Como horizonte de continuidade, propõe-se o aprofundamento de investigações que dialoguem com professores e educandos desse segmento na construção de práticas inovadoras mediadas por tecnologias. É preciso fortalecer o olhar coletivo sobre a escola e suas possibilidades, reconhecendo que educar com o celular não é apenas uma questão técnica, mas uma escolha ética, política e pedagógica. Em um mundo conectado, negar o lugar da tecnologia no processo educativo é, em última instância, negar aos sujeitos da EJA o direito à plena participação social e cultural.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 15.100, de 13 de janeiro de 2025. Dispõe sobre a utilização, por estudantes, de aparelhos eletrônicos portáteis pessoais nos estabelecimentos públicos e privados de ensino da educação básica. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, 14 jan. 2025. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2025/lei/15100.htm. Acesso em: 12 out. 2025.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v. 1).

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

KENSKI, Vani Moreira. Tecnologias e ensino presencial e a distância. Campinas: Papirus, 2012.

MORAN, José Manuel. Educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá. Campinas: Papirus, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 34. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

PACHECO, Karoline Rodrigues da Silva; VAS, Bárbara Borges. A EJA e o ensino com interação a partir do smartphone na Escola Municipal Joaquim de Brito Paranaguá, em Araguaína – TO. *Revista Humanidades e Inovação*, Araguaína, v. 8, n. 60, p. 373-392, jan./fev.



2022. Disponível em:
<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/5494>. Acesso em: 12 out. 2025.

RIBEIRO, Suelen Alves. Uso de tecnologias no ensino de jovens e adultos (EJA). 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/181837>. Acesso em: 12 out. 2025.